

# Epístolas morais a Lucílio



LÚCIO ANEU SÊNECA

TRADUÇÃO E COMENTÁRIO

SERGIO MACIEL



CADERNO DE LEITURAS N. 83

# Epístolas morais a Lucílio (vii)<sup>1</sup>

LÚCIO ANEU SÊNECA

TRADUÇÃO E COMENTÁRIO DE SERGIO MACIEL

REVISÃO DE BERNARDO RB

Queres saber aquilo que deves, acima de todas as coisas, evitar? A multidão. Ainda não estás pronto para te unires a ela em segurança. Estou decidido a confessar-te minha fraqueza: nunca retorno com o mesmo ânimo com que saí; algo que harmonizei é perturbado, algo que sepultei agora retorna. O que sucede aos doentes, aos quais uma longa debilidade os impede de ir a qualquer parte sem que sofram recaída, também recai sobre nós, cujos espíritos recuperam-se de uma longa moléstia. É nocivo o convívio com muita gente: não há ninguém que não nos impregne algum vício, ou nos contamine, ou nos contagie sem que saibamos. Por isso, quão maior é a massa à qual nos misturarmos, maior é o perigo.

Nada, porém, resulta tão funesto aos bons costumes como assistir a algum espetáculo, uma vez que é pelos prazeres que os vícios se insinua mais facilmente. Que crês que quero dizer? Que regresso mais avaro, mais ambicioso e mais entregue aos luxos? A verdade é o oposto: retorno mais cruel e desumano por ter estado entre os homens. Encontrei-me por acaso no espetáculo do meio-dia, esperando ver algo lúdico e salubre, qualquer coisa que sossegasse os olhos dos homens da imagem do sangue humano. Deu-se o avesso disso: todas as lutas anteriores foram atos de misericórdia; agora, sem máscara, são puros assassinatos. Nada têm que os cubra o corpo; aos golpes todo o corpo está exposto, a mão nunca frustra o ataque. Isto prefere a plateia aos pares de gladiadores normais e concedidos. Como não preferir? Não há elmo nem escudo que possa repelir o ferro opósito. Defesa para quê? Técnica para quê? Essas coisas todas só adiam a morte. Logo cedo atiram homens aos leões e aos ursos, ao meio-dia aos espectadores. Ordenam que os assassinos enfrentem aqueles que os assassinarão e o vencedor aguarda a próxima matança. A única fuga

1 Edição de referência: SENECA. *Ad Lucilium epistulae morales*. Ed. e trad. Richard M. Gummere. London: Cambridge, 1925.

dos lutadores é a morte. Findam-se as ações com ferro e fogo. Isto é o que ocorre enquanto a arena está vazia. “Mas fulano cometeu latrocínio, matou um homem.” E então? Porque mata merece esta pena. Mas tu, miserável, que fizeste para merecer este espetáculo? “Mata, machuca, queima! Por que tão tímido se lança ao ferro? Por que com tão pouca audácia mata? Por que com tão pouca vontade morre? Que sejam conduzidos a golpes a ferir, recebam de frente e de peito descoberto os ataques um do outro.” Interrompe-se o espetáculo: “Enquanto isso, enforcuem os homens, para que prossiga.”

Ora, não compreendes que os maus exemplos recaem sobre aqueles que os dão? Concedei graças aos deuses imortais por ensinarem a ser cruéis àqueles que não conseguem aprender. Deve-se subtrair do povo o espírito fraco e pouco apegado à virtude: assim, facilmente, deixam-se levar pela maioria. Uma multidão contrária poderia abalar o caráter de Sócrates, Catão e Lélío; nenhum de nós, ainda que com máximo esforço forjemos nosso intelecto, pode suportar o ímpeto dos vícios que vêm em enxurrada. Um único exemplo de luxúria ou avareza causa severo estrago; um companheiro de mesa delicado pouco a pouco nos priva do vigor e nos enfraquece, um vizinho rico nos excita os desejos, um amigo vil nos corrói, por mais puros e simples que sejamos: que crês será feito daqueles costumes que são atacados publicamente? A necessidade é que se os imite ou odeie.

Contudo, ambas atitudes devem ser evitadas: não debes nem aos maus assemelhar-te porque são muitos, nem criar muitos inimigos por serem diferentes de ti. Refugia-te em ti mesmo o quanto puderes. Busca estar com aqueles que te fazem sentir melhor, acolhe aqueles que tu podes tornar melhores. Praticando a reciprocidade, aqueles que ensinam também aprendem. Pela glória de um trabalho publicado não te deixes levar ao público querendo fazer leituras ou debates. Quisera que tu o fizeste, caso houvesse mercadoria apropriada entre o povo: mas ninguém entre eles poderia te compreender. Alguém talvez surja, um ou outro, e ainda assim tu terias que instruí-lo e formá-lo para que atingisse teu nível. “Estudei, então, para quê?” Não te preocupes com o tempo perdido se estudaste para ti mesmo.

E para que meus estudos hoje não tenham sido só para mim, comunicar-te-ei três frases notáveis com sentidos muito próximos; uma delas paga o tributo desta carta, as outras duas aceite como adiantamento. Demócrito afirma: “Um homem para mim vale o povo, o povo para mim vale um homem.” E também aquele, quem quer que seja – discute-se a identidade do autor –, que quando perguntado o motivo pelo qual com tanta diligência dedicava-se a uma arte que poucos entenderiam: “Para mim bastam poucos, basta que seja apenas um, basta que seja nenhum.” Em terceiro lugar, esta frase de Epicuro, quando a um de seus companheiros de estudo escreveu: “Eu não escrevi isto para o povo, senão para ti; pois somos espetáculo suficiente um para o outro.” Isto, meu Lucílio, guarda no teu espírito para conseguires conter a volúpia dos aplausos da multidão. Muitos te louvam: algo há em ti que te cause prazer, se és entendido por tantos? Que as coisas boas em ti se voltem para dentro. TCHAU.

# Epístolas morais a Lucílio (x)

Assim é, não mudo a sentença: evite a multidão, evite o pouco, evite inclusive o indivíduo. Não conheço ninguém com quem gostaria de dividi-lo. E veja qual é o juízo que faço de ti: ousa confiar-te a ti mesmo. Crates, como dizem, discípulo daquele mesmo Estilpo, o qual mencionei na carta anterior, ao ver um rapazote andando ensimesmado, perguntou o que ele fazia sozinho por ali. “Comigo mesmo”, respondeu, “falo”. Ao que Crates retrucou, “Cuidado, peço, e diligente atente ao que digo: estás falando com um homem mau.”

Temos por hábito cuidar daqueles que estão em luto ou angustiados, para que não façam mal uso da solidão. Ninguém que não possua bom discernimento deve ser deixado a sós consigo mesmo; ou deliberam sobre maus conselhos, ou engendram, para si mesmos ou para outros, perigos futuros; ou paixões ímprobas dispõem; e então aquilo que o medo ou o pudor reprimia, a mente traz à superfície, e assim afia a audácia, excita a libido, desperta a raiva. Por fim, o único benefício que a solidão confere, o hábito de não se confiar a ninguém, nem temer acusações, o idiota perde; a si próprio ele trai.

Vê, assim, aquilo que espero de ti, ou melhor, aquilo que prometo a mim mesmo, embora esperança seja apenas um nome para bens ainda incertos: não encontro companhia para ti que seja preferível à tua própria. Recordo-me com que grande ânimo pronunciavas certas frases, e quanta força elas tinham. Eu imediatamente me orgulhei e disse: “Essas palavras não vêm da borda da boca, é uma fala que se assenta em base sólida. Este não é um homem do povo, reserva-se para a salvação.” Assim fala, assim vive; cuida para que coisa alguma te deprima. De teus votos antigos pede aos deuses que te livrem, oferece outras preces, inteiramente novas; pede-lhes uma mente sã, uma boa saúde ao espírito, só depois, então, ao corpo. Por que não fazes com frequência tais votos? Roga com firmeza ao deus; nada a ele estarás pedindo que seja de outro.

Mas, seguindo meus costumes, mando nesta carta um pequeno presente, aqui tens uma verdade que colhi lendo Atenodoro: “Saberei, então, que te libertaste de todas as paixões quando tiveres atingido o ponto no qual nada pedes aos deuses exceto aquilo que puderes pronunciar em público.” Quanta demência dos homens, no entanto, há agora. Votos tão mesquinhos sussurram aos deuses; se alguém se inclina para tentar ouvir, calam-se. E aquilo que não querem que saibam os homens, narram aos deuses. Repara, portanto, se este princípio não pode ser salutar: assim vive entre os homens, como se os deuses te observassem; assim fala com os deuses, como se homens te ouvissem. TCHAU.

## Da arte de viver consigo e com o mundo

SERGIO MACIEL

Lucio Aneu Sêneca (Córdoba, 4 a.C. — Roma, 65), ou ainda Sêneca, o Jovem, foi um filósofo, orador e tragediógrafo romano. Foi também preceptor do jovem Nero, que, ao assumir o poder, acabou condenando-o à morte, sob a acusação de conjuração contra o imperador. Sêneca viveu durante um período particularmente violento da história romana. Ainda que as Guerras Civis ocorridas no século anterior, no período da República, tenham sido um período um tanto conturbado para os romanos, é no período do Império, após a famigerada *Pax romana* (ou *Pax augusta*), e com a sucessão de governos déspotas, que Roma se transforma num ambiente de intensa dissimulação e terror. Após a morte de Otávio Augusto, os regimes sucessores alargam cada vez mais os limites da crueldade. Vide a sequência: Augusto > Tibério > Calígula > Cláudio > Nero.

Talvez muito por isso mesmo a filosofia estoica de Sêneca seja tão rigorosa quanto ao repúdio aos excessos – não que com isso ela exercesse grande efeito sobre os praticantes, afinal, não retiremos da mente que foi Sêneca quem educou Nero e, bem, é despiendo assinalar a catástrofe que ele constituiu. Sempre que leio sua obra filosófica me vem à mente um soneto de Gregório de Matos, em especial o verso em que ele diz que “não é fácil viver entre os insanos”. Acho que Sêneca já naquela época – e talvez justamente por conta daquela época – teve a oportunidade de compreender esse descompasso entre o ser, o estar-no-mundo e os outros, a multidão, o desejo comunitário. Na verdade, trata-se de uma compreensão de que as coisas, i.e., nós e nossa ideia de sociedade, resultaram muito erradas, até mesmo falidas, séculos antes de Rousseau desenhar o homem natural como recusa ao modelo civilizatório, séculos antes do desconcerto do mundo camoniano que assinalava os impasses de se estar vivo – e isso só mostra como o moderno nunca é tão moderno assim.

De modo que tentei juntar, portanto, duas ocasiões nas quais ele, de certa forma, expõe esse problema que é estar no mundo, esse descompasso – esse paradoxo, como se viu.

A filosofia estoica adorava paradoxos, adorava colocar em embate escolhas que se apresentassem como diametralmente opostas. Sêneca, certamente, opera desse modo. Na epístola VII, por exemplo, ele aconselha Lucílio sobre os perigos da multidão e o alerta a tomar cuidado com ela. Dessa epístola deriva um dos meus mantras em tempos de dificuldade, *recede in te ipse* (refugia-te em ti mesmo). Parece evidente, portanto, que a solução proposta por ele aos dissabores do viver em comunidade

seja uma espécie de misantropia moderada, certo? É, mais ou menos. Na epístola x, no entanto, ao relatar o encontro entre Crates e um jovenzinho que perambulava sozinho, Sêneca adverte: viver só consigo mesmo é perigoso se você não souber o que está fazendo. A solidão, desse modo, pode ser um gatilho pior que o da multidão.

Eis o impasse. Como resolvê-lo, portanto? A multidão é sempre danosa, mas o próprio indivíduo, em sua solidão, também o pode ser para si. A resposta, para mim, está na epístola cxiii, quando ele dá a chave do seu estoicismo ao afirmar que *imperare sibi maximum imperium est* (O governo de si é o governo supremo). Trata-se disso, afinal: aceitar que a única ferramenta de que dispomos para enfrentar a natureza desconhecida da vida é o autocontrole. É algo semelhante àquela oração de São Francisco de Assis que pede resignação para aceitar as coisas que não podem ser mudadas. Resignação estoica, aliás, da qual o cristianismo se apropriou.

Se alguém aí já assistiu ao *Rocky Balboa* e viu aquela cena em que o Rocky diz ao filho que “The world ain’t all sunshine and rainbows. It’s a very mean and nasty place and I don’t care how tough you are it will beat you down to your knees and keep you there permanently if you let it. You, me, or nobody is gonna hit as hard as life. But it ain’t about how hard you hit. It’s about how hard you can get hit and keep moving forward. How much you can take and keep moving forward”,<sup>2</sup> então, essa pessoa entendeu um pouco do estoicismo de que, acredito, trata Sêneca. Afinal, pra retomar o soneto de Gregório de Matos, “o prudente varão há de ser mudo”.

2 “O mundo não é só raio de sol e arco-íris. É um lugar muito feio e sujo e não me importa o quão durão você seja, ele vai ter botar de joelhos no chão pra sempre se você deixar. Você, eu nem ninguém bate mais forte que a vida. Mas a questão não é o quão forte você bate. A questão é o quanto você aguenta apanhar e continua seguindo em frente. Quando você recebe e continua seguindo em frente.”

